

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPCENF

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Comportamento sexual de ingressantes universitários

Sexual behaviour among initial academic students

Comportamiento sexual de ingresantes universitarios

Maritza Rodrigues Borges¹, Rodrigo Eurípedes da Silveira², Álvaro da Silva Santos³, Umberto Gazi Lippi⁴

ABSTRACT

Objective: Describe the sexual practices of beginner students of a Federal University of Minas Gerais, Brazil. **Method:** Exploratory and cross-sectional study which included 786 academics enrolled in courses of the health area. **Results:** 623 (79.3%) were female and the average age was 19.2 ± 3.1 years. 693 (88.2%) adolescents had started sexual life, of which 332 (47.9%) has sexual relations with regular partner and 135 (19.5%) reported regular use of condom. **Conclusion:** It shows the need of health education actions targeted to the teen population in the University context, especially those of health area, with a view to prevention and to the adoption of healthy habits, highlighting not only biological aspects, but also psychosocial and behavioral. **Descriptors:** Sexual behavior, Adolescent, Students, Health occupations.

RESUMO

Objetivo: Descrever as práticas sexuais de ingressantes de uma universidade federal do interior de Minas Gerais. **Método:** Estudo exploratório, de corte transversal, que incluiu 786 acadêmicos matriculados em cursos da área da saúde. **Resultados:** 623 (79,3%) eram do gênero feminino e a idade média encontrada foi de $19,2 \pm 3,1$ anos. 693 (88,2%) jovens tinham iniciado vida sexual, dos quais 332 (47,9%) mantinham relações sexuais com parceiro fixo e 135 (19,5%) relataram fazer uso regular de preservativo. **Conclusão:** Depreende-se a necessidade de ações de educação em saúde direcionadas à população adolescente no contexto universitário, sobretudo aqueles da área de saúde, com vistas à prevenção e a adoção de hábitos saudáveis, destacando não somente aspectos biológicos, mas também psicossociais e comportamentais. **Descritores:** Comportamento sexual, Adolescente, Estudantes de ciências da saúde.

RESUMEN

Objetivo: Describir las prácticas sexuales de ingresantes en una Universidad Federal de Minas Gerais, Brazil. **Metodo:** Estudio exploratorio, transversal, que incluyó 786 académicos matriculados en cursos del área de salud. **Resultados:** 623 (79,3%) eran mujeres y la edad mediana fue de $19,2 \pm 3,1$ años. 693 (88,2%) jóvenes habían iniciado su vida sexual, de los cuales 332 (47,9%) tenían relaciones sexuales con pareja estable y 135 (19,5%) hacían uso regular de condón. **Conclusión:** Se depende la necesidad de acciones de Educación en Salud dirigidas a la población adolescente en el contexto universitario, especialmente aquellos del área de salud, direccionadas a la prevención y a la adopción de hábitos saludables, destacando los aspectos no sólo biológicos, pero también psicossociales y conductuales. **Descriptores:** Comportamiento sexual, Adolescente, Estudiantes de ciencias de la salud.

Trabalho apresentado para obtenção do título de mestre em Ciências da Saúde pelo Instituto de Assistência Médica do Servidor Público do Estado de São Paulo (IAMSPE), no ano de 2014.

1 Enfermeira Obstetra. Mestranda em Ciências da Saúde pelo Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual de São Paulo (IAMSPE). Enfermeira do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) 2 Enfermeiro. Mestre em Ciências da Saúde. Doutorando em Ciências pela Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. 3 Enfermeiro. Especialista em Saúde Pública. Doutor em Ciências Sociais. Pós Doutorado em Serviço Social. Professor Adjunto IV na Graduação em Enfermagem e do Mestrado em Atenção à Saúde da UFTM. 4 Médico. Doutor em Medicina. Livre-Docente de Obstetrícia. Orientador Permanente do Curso de Pós- Graduação do IAMSPE

INTRODUÇÃO

Por mais que se discuta a respeito da pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), as questões relacionadas à sexualidade - aspecto central e inerente à natureza humana - ainda carecem de investigações mais abrangentes e específicas.¹⁻² Segundo o relatório da UNAIDS, em todo o mundo, cerca de 35 milhões de pessoas são portadoras da AIDS e no ano de 2010, 2,7 milhões de pessoas foram infectadas em escala global, dos quais 42% dos novos casos ocorreram em jovens entre 15 e 24 anos.³

Na América Latina, há cerca de 1,4 milhões de pessoas infectadas com HIV e metade desse contingente são brasileiros. Entre a população de adolescentes (dos 10 aos 19 anos de idade), há predominância de casos no gênero feminino, para a qual são aventadas inúmeras hipóteses, carentes de pesquisas mais abrangentes.⁴ Para a prevenção das DST's, as estatísticas sugerem que mais de 60% dos jovens da Europa ocidental, central e do leste usam preservativos⁵, assim como nos Estados Unidos⁶, em Portugal⁷ e em São Paulo.⁸ Entretanto, estes estudos refletem que há alteração na utilização de métodos contraceptivos relacionados ao tipo de relacionamento (eventual ou fixo), ou seja, deixando de se preocupar com as DST's e se importando apenas com a possibilidade de uma gravidez indesejada.

Acresce-se a isto que o ingresso na Universidade pode ser considerado um fator impulsionante para a expressão da sexualidade entre os adolescentes, além de estarem expostos a novas experiências, em que se associam o uso de bebidas alcoólicas e outras drogas, vivenciando inúmeras influências e abertos a novas experiências antes proibidas ou limitadas pela proximidade familiar.

Algumas investigações têm abordado aspectos relevantes sobre a temática, sobretudo acerca da percepção de risco pessoal e da conduta preventiva na opinião dos próprios jovens, sobretudo aqueles matriculados em períodos iniciais, cujos resultados apontam elevado conhecimento sobre os riscos relacionados a uma conduta sexual desprotegida a despeito de um comportamento que não condiz com esta informação.⁹⁻¹⁰ Embora estudantes da área da saúde mantenham amplo acesso às informações na universidade e as utilizem na abordagem à clientela através de orientações, diagnósticos e tratamentos, estudos têm demonstrado que seu nível de conhecimento sobre DST/AIDS não alteram suas condutas sexuais de risco, por se considerarem invulneráveis a adquirir tais doenças.¹¹⁻¹²

A considerar estas perspectivas, pressupõe-se que o ingresso na Universidade têm impacto na vida sexual dos jovens e, em particular, daqueles que se encontram nos períodos iniciais e têm maior disponibilidade para participarem de festas e eventos noturnos. Desta forma, se justifica a necessidade de melhor compreender as atitudes relacionadas ao comportamento sexual de ingressantes universitários, como na presente investigação, que

tem como objetivo descrever as práticas sexuais dos acadêmicos matriculados em cursos da área da saúde de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais.

MÉTODO

A presente investigação tem desenho metodológico descritivo, com recorte transversal e amostragem não probabilística, a considerarem-se todos os estudantes dos primeiros períodos dos cursos de Graduação em Biomedicina, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, matriculados nos anos de 2011 e 2012. A coleta de dados ocorreu entre março de 2011 e novembro de 2012, e, do universo de 823 acadêmicos, 95,5% (786) aceitaram participar da pesquisa.

Utilizou-se um questionário semiestruturado, construído a partir do referencial de Alves e Lopes¹³, testado e ajustado em teste piloto em outra instituição de ensino superior sob a supervisão dos pesquisadores. Quanto ao procedimento de coleta de dados, houve ampla divulgação no campus, em murais, salas de aulas e diretórios acadêmicos convidando os mesmos para participarem da pesquisa nos horários de intervalo das aulas. A coleta foi realizada em uma sala de aula disponibilizada para esta finalidade, nos períodos matutino e vespertino. Os alunos respondiam ao questionário em um tempo médio de 20 minutos.

O projeto deste estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, obedecendo às normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Do questionário, foram selecionadas para este estudo em específico as seguintes questões objetivas: (a) Você já teve relações sexuais?; (b) Utilizou algum método contraceptivo na primeira relação sexual?; (c) Possui vida sexual ativa?; (d) Possui parceiro(a) fixo(a)?; (e) Qual a frequência de utilização de preservativo masculino (condom)?, e, (f) Você utilizou o preservativo em sua última relação sexual?. As questões identificadas pelas letras: (b), (c), (d), (e) e (f) foram respondidas apenas pelos jovens que já haviam iniciado sua vida sexual, ou seja, realizado o coito. As variáveis de interesse foram: gênero; idade; religião; renda familiar e condições de moradia.

Todas as informações coletadas foram armazenadas em um banco de dados construído no software *Excel* v.2010 (Microsoft Corporation, Estados Unidos). A partir dos resultados, procedeu-se análise descritiva por frequências absolutas (n) e relativas (%), além do teste *Qui-Quadrado* para verificar a associação entre as respostas a considerar $p < 0,05$, processados pelo programa *Statistical Package for Social Sciences - IBM SPSS* v.20.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 786 alunos investigados, 623 (79,3%) eram do gênero feminino e 163 (20,7%) do gênero masculino. A idade média encontrada foi de $19,2 \pm 3,1$ anos, com maior prevalência de estudantes nos cursos de Medicina (18,1%), Terapia Ocupacional (14,9%), Fisioterapia (14,8%) e Enfermagem (14,8%). A maioria dos adolescentes, tanto do gênero feminino (60,2%) quanto do masculino (57,1%) referiu residir com amigos e cerca de 71% das acadêmicas residem em pensionatos ou repúblicas. Outro dado de interesse aponta que a atividade de lazer preferida entre os jovens pesquisados é frequentar festas ou eventos noturnos, tanto entre a população do gênero masculino (54%), como feminino (71,1%).

Grande parte dos adolescentes declarou-se brancos (64,6%); sem religião (67,2%); procedentes de São Paulo (46,6%), e de Minas Gerais (41,5%); e com renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos - SM (41,7%), estabelecido à época da pesquisa em R\$ 622,00. Na tabela 1, se observa distribuição semelhante da iniciação sexual (coito) entre os gêneros, com maior prevalência desta condição na faixa etária de 16-17 anos, renda familiar de um a três salários mínimos, morar com amigos e não possuir religião. Já com relação ao uso de algum método contraceptivo na ocasião da primeira relação sexual, a maioria das respostas indicou a não utilização, mais prevalente no gênero feminino, com idade de 20 anos ou mais, morando sozinho e possuindo alguma religião.

A iniciação sexual dos adolescentes pesquisados apresentou associação significativa com idade entre 16 e 17 anos ($p=0,001$), com a renda familiar entre um e três salários mínimos ($p<0,001$), e não possuir religião ($p=0,013$). O fato de não utilizar preservativo na primeira relação esteve associado apenas à faixa etária de 20 anos ou mais ($p=0,031$), como apresentado na tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos acadêmicos com relação à iniciação sexual e utilização de preservativo no primeiro ato sexual. Uberaba/MG, 2011-2012.

| | Já teve relações sexuais? | | | | P | Utilizou condom no 1º ato sexual? | | | | |
|---------------|---------------------------|------|-----|------|--------|-----------------------------------|------|-----|------|--------|
| | Sim | | Não | | | Sim | | Não | | P |
| | N | % | n | % | | n | % | N | % | |
| Gênero | | | | | | | | | | |
| Feminino | 549 | 88,1 | 74 | 11,8 | 0,938 | 151 | 27,5 | 398 | 72,5 | 0,441 |
| Masculino | 144 | 88,3 | 19 | 11,7 | | 35 | 24,3 | 109 | 65,7 | |
| Idade | | | | | | | | | | |
| 16-17 anos | 163 | 95,9 | 7 | 4,1 | | 42 | 25,8 | 121 | 74,2 | |
| 18-19 anos | 286 | 84,1 | 54 | 15,9 | 0,001* | 91 | 31,8 | 195 | 68,2 | 0,031* |
| 20 ou mais | 244 | 88,4 | 32 | 11,6 | | 53 | 21,7 | 191 | 78,3 | |

| Renda Familiar | | | | | | | | | | |
|----------------|------------|-------------|-----------|-------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|-------|
| 1 a 3 SM | 294 | 97,3 | 8 | 2,7 | <0,001 * | 72 | 24,5 | 222 | 75,5 | 0,635 |
| 3 a 5 SM | 297 | 90,5 | 31 | 9,5 | | 83 | 28,0 | 214 | 72,0 | |
| Mais de 5 SM | 102 | 65,4 | 54 | 34,6 | | 31 | 30,4 | 71 | 69,6 | |
| Mora com | | | | | | | | | | |
| Amigos | 404 | 86,3 | 64 | 13,2 | 0,198 | 115 | 28,5 | 289 | 71,5 | 0,434 |
| Familiares | 217 | 92,7 | 17 | 7,3 | | 56 | 25,8 | 161 | 74,2 | |
| Sozinho | 72 | 85,7 | 12 | 14,3 | | 15 | 20,8 | 57 | 79,2 | |
| Religião | | | | | | | | | | |
| Possui | 222 | 86,0 | 36 | 14,0 | 0,013* | 57 | 25,7 | 165 | 74,3 | 0,154 |
| Não possui | 471 | 89,2 | 57 | 10,8 | | 129 | 27,4 | 342 | 62,6 | |
| Total | 693 | 88,2 | 93 | 11,8 | | 186 | 26,8 | 507 | 73,2 | |

* = Associação Significativa.

Na Tabela 2, são apresentados os resultados daqueles jovens que iniciaram a vida sexual em relação a manter vida sexual ativa e parceiro fixo. Neste sentido, prevaleceram para a vida sexual ativa os parâmetros: gênero feminino, idade de 18-19 anos, renda familiar de tres a cinco salários, morar sozinho e possuir religião, porém sem significancia estatística. O fato de possuir parceiro fixo esteve associado ao gênero feminino ($p < 0,001$), entre 16 e 17 anos ($p = 0,034$). Já a renda familiar entre 3 e 5 SM foi associada a não possuir parceiro fixo ($p = 0,03$). Além disso, grande parte dos jovens que moravam sozinhos e possuíam religião referiram não possuir parceiro fixo.

Tabela 2 - Distribuição dos acadêmicos da UFTM em relação à vida sexual ativa e parceiro fixo. Uberaba/MG, 2011-2012.

| | Possui vida sexual ativa? | | | | | Possui parceiro fixo? | | | | |
|-----------------------|---------------------------|------|-----|------|-------|-----------------------|------|-----|------|---------|
| | Sim | | Não | | P | Sim | | Não | | P |
| | n | % | n | % | | n | % | n | % | |
| Gênero | | | | | | | | | | |
| Feminino | 508 | 92,5 | 41 | 7,5 | 0,157 | 288 | 52,4 | 261 | 47,6 | <0,001* |
| Masculino | 128 | 88,8 | 16 | 11,2 | | 44 | 30,5 | 100 | 69,5 | |
| Idade | | | | | | | | | | |
| 16-17 anos | 146 | 91,4 | 17 | 8,6 | 0,360 | 87 | 53,4 | 76 | 46,6 | 0,034* |
| 18-19 anos | 267 | 93,3 | 19 | 6,7 | | 144 | 50,3 | 142 | 49,7 | |
| 20 ou mais | 223 | 91,4 | 21 | 8,6 | | 101 | 41,4 | 143 | 58,6 | |
| Renda Familiar | | | | | | | | | | |
| 1 a 3 SM | 265 | 41,7 | 29 | 50,9 | 0,939 | 138 | 41,5 | 156 | 43,2 | 0,030* |
| 3 a 5 SM | 275 | 43,2 | 22 | 38,6 | | 140 | 47,1 | 157 | 52,9 | |
| Mais de 5 SM | 96 | 15,1 | 6 | 10,5 | | 54 | 52,3 | 48 | 47,7 | |
| Mora com | | | | | | | | | | |
| Amigos | 345 | 90,5 | 36 | 9,5 | 0,359 | 195 | 51,2 | 186 | 48,8 | 0,544 |

| | | | | | | | | | | |
|-----------------|------------|-------------|-----------|------------|-------|------------|-------------|------------|-------------|-------|
| Familiares | 223 | 92,9 | 17 | 7,1 | | 107 | 44,6 | 133 | 55,4 | |
| Sozinho | 68 | 94,4 | 4 | 5,6 | | 30 | 41,7 | 42 | 58,3 | |
| Religião | | | | | | | | | | |
| Possui | 204 | 91,9 | 18 | 7,1 | 0,397 | 93 | 41,9 | 129 | 58,1 | 0,148 |
| Não possui | 43 | 52,4 | 39 | 47,6 | | 239 | 50,7 | 232 | 49,3 | |
| Total | 636 | 91,8 | 57 | 8,2 | | 332 | 47,9 | 361 | 52,1 | |

* = Associação Significativa.

Na Tabela 3, são apresentados os resultados referentes à utilização de método contraceptivo e sua continuidade de uso referente aos seis meses que antecederam a pesquisa. Em relação a não utilização de preservativo na última relação, houve prevalência de mulheres (79,8%), com idade entre 18 e 19 anos (42,4%) com renda entre 3 e 5 SM (43,4%). Já entre os que utilizaram o condom na última relação sexual prevaleceram os estudantes que moravam com amigos (55,8%) e os que não possuíam religião (71,2%), os quais não apresentaram significância estatística.

Quanto à frequência de utilização do preservativo, foi observado maior prevalência de estudantes com utilização infrequente, entre os grupos que recebem de 3 a 5 SM e, entre aqueles que frequentemente usam condom houve prevalência naqueles com renda familiar de 1 a 3 SM, embora sem significância estatística.

Tabela 3 - Distribuição dos acadêmicos quanto à utilização de preservativo na última relação e a sua frequência de utilização. Uberaba/MG, 2011-2012.

| | Utilizou condom na última relação? | | | | | Frequência de utilização de condom | | | | |
|-----------------------|------------------------------------|------|-----|------|-------|------------------------------------|------|------------------------|------|-------|
| | Sim | | Não | | P | Infrequente ¹ | | Frequente ² | | P |
| | n | % | N | % | | n | % | n | % | |
| Gênero | | | | | | | | | | |
| Feminino | 229 | 41,7 | 320 | 58,3 | 0,659 | 443 | 80,7 | 106 | 19,3 | 0,823 |
| Masculino | 63 | 43,7 | 81 | 56,3 | | 115 | 79,9 | 29 | 20,1 | |
| Idade | | | | | | | | | | |
| 16-17 anos | 74 | 45,4 | 89 | 54,6 | | 132 | 81,0 | 31 | 19,0 | |
| 18-19 anos | 116 | 40,5 | 170 | 59,5 | 0,602 | 227 | 79,4 | 59 | 20,6 | 0,806 |
| 20 ou mais | 102 | 41,8 | 142 | 58,2 | | 199 | 81,5 | 45 | 18,5 | |
| Renda Familiar | | | | | | | | | | |
| 1 a 3 SM | 121 | 41,1 | 173 | 58,9 | 0,116 | 233 | 79,2 | 61 | 20,8 | 0,237 |
| 3 a 5 SM | 123 | 41,4 | 174 | 58,6 | | 242 | 81,5 | 55 | 18,5 | |
| Mais de 5 SM | 48 | 47,1 | 54 | 52,9 | | 83 | 81,4 | 19 | 19,6 | |
| Mora com | | | | | | | | | | |
| Amigos | 97 | 40,4 | 143 | 59,6 | 0,551 | 205 | 85,4 | 35 | 14,6 | 0,770 |
| Familiare s | 163 | 42,8 | 218 | 57,2 | | 296 | 77,7 | 85 | 22,3 | |
| Sozinho | 32 | 44,4 | 40 | 55,6 | | 57 | 79,2 | 15 | 10,8 | |
| Religião | | | | | | | | | | |
| Possui | 84 | 37,8 | 138 | 62,2 | 0,774 | 173 | 77,9 | 49 | 22,1 | 0,058 |
| Não possui | 208 | 44,2 | 263 | 55,8 | | 385 | 81,7 | 86 | 18,3 | |

| | | | | | | | | |
|--------------|-----|------|-----|------|-----|------|-----|------|
| Total | 292 | 42,1 | 401 | 58,9 | 558 | 80,5 | 135 | 19,5 |
|--------------|-----|------|-----|------|-----|------|-----|------|

¹= Refere-se à utilização de preservativo em até 50% das vezes; ²= Refere-se à utilização do preservativo superior a 50% das vezes.

Enquanto limite de abordagem da presente investigação, destaca-se o fato de que a população estudada incluiu apenas os alunos do primeiro semestre dos cursos de graduação de uma única instituição de ensino superior. No entanto, pode-se refletir que esta população ainda é pouco estudada e, que apresenta características peculiares em âmbito emocional, psicológico experiência de vida e outros, possivelmente similares a outras instituições de ensino superior.

Entendendo o momento de ingresso na Universidade como um acontecimento peculiar na vida destes jovens, considera-se a hipótese de que os mesmos estejam abertos a novas experiências, influenciados por diversas alterações em sua rotina, sobretudo nos períodos iniciais, em que se vivencia morar longe dos pais e/ou com amigos e colegas da universidade, a grande disponibilidade de eventos noturnos e festas que envolvem o consumo de bebidas alcólicas, e outras situações, pelas quais estes jovens poderiam estar mais susceptíveis a manifestarem sua sexualidade.

Os achados desta investigação apontam uma proporção semelhante de iniciação sexual entre os gêneros e, entre os que já haviam tido relações sexuais, maior prevalência foi encontrada em morar com amigos (58,3%) e não possuir religião (68%). Cerca de 73% dos entrevistados responderam não utilizar nenhum método contraceptivo na primeira relação, e o fato de utilizar o preservativo nesta ocasião esteve associado apenas à faixa etária de 18 a 19 anos. Há de se considerar a representação que a iniciação sexual tem para os adolescentes, podendo ser considerada desde um momento para o coito à demarcação de uma etapa da vida, pela descoberta do corpo ou despertar de sua sexualidade.¹⁴

Estudo que incluiu adolescentes das 27 capitais brasileiras encontrou associação positiva ($p > 0.001$) entre aqueles que praticaram relações sexuais sem uso de camisinha e consumo de álcool e drogas ilícitas, cujas proporções foram 32% e 43% respectivamente maiores a considerar o uso nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa.¹⁰

Já na investigação conduzida com acadêmicos de Fortaleza foi observado que a maioria dos participantes era do gênero feminino (67,1%); já haviam iniciado a vida sexual (63,4%); sem realizar teste anti-HIV (80%). A média da idade na primeira relação sexual foi 17,2 anos. Os autores observaram conhecimentos limitados sobre prevenção ao HIV, atitudes favoráveis ao uso do preservativo, baixa percepção do risco em suas práticas, além de desconhecimento de sua situação sorológica, evidenciando-se a necessidade de se investir em ações educativas sobre sexualidade e DST/AIDS na universidade.¹⁵

Neste sentido, a precocidade da iniciação sexual traz ao foco a necessidade de se implementar parâmetros de orientação sexual direcionada à crianças e adolescentes em idade escolar, sobretudo nos anos elementares, para que este jovem possa fazer uso dessas informações preventivas no início de sua vida sexual, minimizando os riscos inerentes a uma prática desorientada e desprotegida. Ainda, podem ser considerados fatores de proteção na prática sexual dos adolescentes a maior escolaridade, melhores condições sociais, conviver com ambos os pais, podendo postergar a idade de iniciação sexual e facilitar o uso de proteção na primeira relação sexual.¹⁶

A grande maioria dos jovens que já iniciaram a vida sexual, 636 (91,8%) dos estudantes mantêm sua vida sexual ativa e cerca de metade 332 (47,9%) tinham parceiro fixo. Entre estas questões a associação estatística foi observada apenas em relação a possuir parceiro fixo, ser do gênero feminino e ter 18 ou 19 anos. Com uma amostra de 183 universitários com vida sexual ativa de Londrina, no primeiro e último ano, identificou-se que os alunos do primeiro ano iniciaram a atividade sexual mais precocemente do que os demais e demonstraram uma baixa percepção de risco pessoal de adquirir DST/AIDS mesmo expostos a parceiros que no passado não usaram preservativo.¹

Na Espanha, entre os universitários que possuíam parceiro fixo, a iniciação sexual era mais precoce e os mesmos tinham maior frequência de relações.¹⁷ Os relacionamentos estáveis podem implicar em diminuição do uso de preservativo, pois a prioridade deixa de ser a proteção às doenças sexualmente transmissíveis, passando a ser apenas a prevenção da gravidez.¹⁸

Os resultados desta investigação mostraram baixa adesão a métodos contraceptivos, reforçando a necessidade de orientação mais adequada e efetiva para uma sexualidade saudável dos adolescentes. Apesar de aumentada a proporção de utilização de preservativo entre o primeiro e último ato sexual (26,8% e 42,1%), a frequência de utilização de maneira sistêmica (frequente) foi baixa (19,1%). Entre os fatores associados a estes dados, pode-se citar o envolvimento afetivo do momento, questões financeiras e de acesso aos métodos, bem como o grau de liberdade e autonomia alcançadas nesta faixa etária. Neste sentido, a instalação de máquinas de preservativos nos campus, como em experimento realizado na Etiópia, podem resultar em maior utilização de preservativo.¹⁹

Outro estudo da mesma natureza, com acadêmicos da baixada santista do primeiro e terceiro ano de faculdade, evidenciou-se que a iniciação sexual ocorria na faixa de 15 a 17 anos de idade. A utilização de preservativos estava associada à preocupação com a contracepção, seguida pela prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs. O conhecimento sobre o HPV foi restrito na população investigada.

Embora crescente do primeiro para o terceiro ano, sua apreciação é relativizada quanto ao conhecimento da transmissão, consequências e prevenção. A investigação apontou a necessidade de disponibilizar informações relativas ao HPV em atenção às especificidades da doença.²⁰

Entre aqueles que se preveniram, o método de contracepção eleito pelos adolescentes foi o condom masculino (32,5%), seguido em menor porcentagem pela pílula, fato que está de acordo com outro estudo.²¹ Investigação sobre as práticas contraceptivas de 487 estudantes de uma universidade pública paulista, identificou altas proporções do uso de métodos, principalmente o preservativo masculino e a pílula. A anticoncepção de emergência já havia sido utilizada por metade dos estudantes, muitas vezes concomitantemente a métodos de alta eficácia. Entre as mulheres, observou-se relação entre o uso de anticoncepção de emergência com fatores como idade, início da vida sexual, ter deixado de usar preservativo masculino em alguma relação sexual, ter vivenciado ruptura acidental do preservativo, ou seja, mais relacionada a inconsistências no uso de métodos regulares do que ao não uso propriamente dito.¹²

Outro estudo verificou o uso de preservativo masculino em 60% dos 633 universitários pesquisados; ter candidíase, relação marital não-estável e parceiro(a) pertencer a área da saúde significaram um fator de proteção para uso de preservativos na primeira quanto na última relação sexual.²² Em estudo qualitativo acerca da escolha do método contraceptivo e sua relação com a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre universitários, os resultados alertaram para a necessidade de mudanças na atitude dos futuros profissionais de saúde, seja na maneira atual de ensino, seja no modo de oferecer suporte para que estes realmente entendam a importância e necessidade das práticas sexuais seguras, associadas ao uso de métodos contraceptivos.¹¹

Em outra ponta, assume-se a importância de ações educativas que enfoquem a temática de Saúde Sexual direcionadas à população universitária no contexto da graduação. Relato de experiência de uma atividade educativa relacionada à Sexualidade realizada junto a 26 adolescentes em situação de vulnerabilidade múltipla de um município do interior do Rio Grande do Sul apresentou como resultados a conformação possível de uma educação para a saúde a partir da dialogicidade, do lúdico, da livre expressão e contributiva para a construção do conhecimento, em que o adolescente também assume papel ativo no processo de aprendizagem.²³

Por estas perspectivas, questiona-se o papel da universidade neste contexto, tanto quanto as implicações das condutas de saúde dos estudantes em sua prática futura. Fatores como a percepção de invulnerabilidade e influências e condutas de risco praticadas por estes jovens refletem a necessidade de um trabalho extenso na formação dos futuros profissionais do campo da saúde.

CONCLUSÃO

Os achados da presente investigação apontam um perfil de universitários predominantemente do gênero feminino, com idade média de $19,2 \pm 3,1$ anos, brancos, sem religião, procedentes do estado de São Paulo e Minas Gerais, com renda familiar entre três e cinco salários mínimos. A maioria dos jovens morava com amigos, em pensionatos ou repúblicas e tinham como atividade de lazer preferida o ato de ir a festas ou bailes noturnos.

Com relação ao comportamento sexual, a maioria absoluta dos universitários já havia praticado relações sexuais, com distribuição semelhante entre os gêneros. A primeira relação sexual ocorreu entre os 15 e 17 anos, sem utilização de método contraceptivo nesta ocasião e apesar de manterem a vida sexual ativa, sem parceiro fixo, a maioria continuava não utilizando o condom. Os amigos foram apontados como a principal fonte de informações sobre sexualidade.

Os dados, apesar de refletirem características de uma única instituição de ensino superior, chamam a atenção para questões elementares que podem significar falhas nos

processos iniciais da formação dos futuros profissionais de saúde. Recomenda-se, desta forma, que ações de educação em saúde sejam direcionadas aos adolescentes que adentram as universidades, sobretudo os da área de saúde, preparando esses futuros profissionais tanto para uma vida mais saudável, destacando não somente aspectos biológicos, mas também psicossociais e comportamentais. A vulnerabilidade desses jovens deve ser enfatizada, não apenas no aspecto individual, mas também no programático e no social, contribuindo para a formação de alunos críticos e reflexivos, com vistas à transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

1. Dessunti EM, Reis AOA. Vulnerabilidade às DST/AIDS entre estudantes da saúde: Estudo comparativo entre primeira e última série. *Cienc Cuid Saude*. 2012; 11(suplem.):274-83.
2. Silveira RE, Santos AS. Contextos de vulnerabilidade entre adolescentes do ensino fundamental de Uberaba/MG. *Enferm Foco*. 2012; 3(4):182-5.
3. UNAIDS. Joint United Nations Programme on HIV/AIDS: report on the global HIV/AIDS epidemic. Geneva, Switzerland: UNAIDS, 2013; 198p.
4. Teva I, Bermudez M, Ramiro M, Buela-Casal G. [Current epidemiological situation of HIV/AIDS in Latin America: Analysis of differences among countries]. *Rev Med Chil*. 2012;140(1):50-8, <http://dx.doi.org/10.4067/S0034-98872012000100007>.
5. Avery L, Lazdane G. What do we know about sexual and reproductive health of adolescents in Europe? *Eur J Contrac Reprod Health Care*. 2010; 15 (suplem.): 54-66.
6. Eaton DK, Kann L, Kinchen S, Shanklin S, Ross J, Hawkins J, et al. Youth risk behavior surveillance - United States, 2009. *Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR)*. *Surveillance Summaries*. 2010; 59(suppl.1): 1-142.
7. Reis M, Ramiro L, Matos MG, Diniz JA. Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. *Rev Por Saúde Púb*. 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2012.12.001>
8. Pirotta KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Rev Saúde Púb*. 2004; 38(4): 495-502.
9. Barbosa RG, Garcia FCP, Manzato AJ, Martins RA, Vieira FT. Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. *DST J bras Doenças Sex Transm*. 2006; 18(4):224-30.
10. Sanchez ZM, Nappo SA, Cruz JI, Carlini EA, Carlini CM, Martins SS. Sexual behavior among high school students in Brazil: alcohol consumption and legal and illegal drug use associated with unprotected. *sex Clinics*. 2013;68(4):489-494.
11. Leite MTF, Costa AVS, Carvalho KACC, Melo RLR, Nunes BMTV, Nogueira LT. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. *Rev Bras Enferm*. 2007; 60(4):434-8.

12. Borges AL, Fujimori E, Hoga LA, Contin MV. [Contraceptive practices among university students: the use of emergency contraception]. *Cad Saúde Públ.* 2010; 26(4):816-26.
13. Alves AS, Lopes MHBM. Use of contraceptive methods among university adolescents. *Rev Bras Enferm.* 2008;61(2): 170-7.
14. Rebello LEFS, Gomes R. Sexual initiation, masculinity and health: narratives of young men. *Ciênc Saúde Coletiva* 2009;14(2):653-60.
15. Bezerra EO, Chaves ACP, Pereira MLD, Melo FRG. Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS. *Revista RENE* 2012;13(5): 1121-31.
16. Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad Saúde Públ.* 2006;22(7):1385-96.
17. Navarro-Barro B, Segura LR, Postigo JML, Villafruela JCE, Honrubia VL, Marchante MR. Hábitos, Preferencias y Satisfacción Sexual en Estudiantes Universitarios. *Rev Clín Med Fam* 2010;3(3):150-7.
18. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu, São Paulo, Brasil. *Rev Gaúcha Enferm.* 2008; 29(4):581-7.
19. Wells CJ, Alano A. Prophylactic procurement of university students in Southern Ethiopia: stigma and the value of condom machines on campus. *PLoS ONE* 2013; 8(4): e60725. doi:10.1371/journal.pone.
20. Costa LA, Goldenberg P. Papilomavírus Humano (HPV) entre Jovens: um sinal de alerta. *Saúde Soc.* 2013; 22(1): 249-261.
21. Alves AS, Lopes MHBM. Locus of control and contraceptive knowledge, attitude and practice among university students. *Rev Saúde Pública,* 2010;44(1):39-44.
22. Costa LC, Rosa MI, Battisti IDE. Prevalence of condom use and associated factors in a sample of university students in southern Brazil. *Cad. Saúde Públ.* 2009; 25(6):1245-50.
23. Fontana RT, Santos AV, Brum ZP. Health Education as a strategy for Healthy Sexuality. *J. res.: fundam care online.* 2013; out/dez 5(4):529-36. DOI: 10.9789/2175-5361.2013v5n4p529.

Recebido em: 03/04/2014
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 24/11/2014
Publicado em: 01/04/2015

Endereço de contato dos autores:
Maritza Rodrigues Borges
Rua Professor Francisco Brigagão, 350; apto 402; bloco 7; Residencial
Parque das Acácias; Vila Frei Eugênio; CEP: 38081-105; Uberaba/ MG.
E-mail: francis.maritza@gmail.com